

A MORTE DO ATLETA

ANA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA

Quando tombou inerte aquêlo corpo
 Em que a vida soubera ser tão linda,
 em que os músculos todos
 eram força, harmonia e movimento,
 vigor e plenitude;
 aquêlo corpo, que, ha tão pouco ainda
 era um ritmo de força e de saúde,
 uma expressão serena de beleza,
 um glorioso florão da natureza,
 todas as coisas palpitarão de revolta,
 todas as árvores tremeram,
 todos os astros empalideceram.

Pelos campos de luta
 Em que os atletas se adestravam
 correu um frêmito de dôr.
 Pelas praias sonoras
 em que os atletas se banhavam
 ouviu-se um lúgubre clamôr.

Quando o corpo do atleta
 tombou inerte sôbre a terra,
 todos os poetas
 que viam nêle a vida
 maravilhosa e forte
 vencida pela morte,
 tinham a nítida impressão
 de que êle não podia
 ficar assim tombado
 como um farrapo atirado ao chão.

E que depressa, transfigurado,
 êle havia de erguer-se,
 levantar-se de novo,
 desafiando a vida transitória,
 tão frágil e tão fátua,
 para ficar, rígido e frio,
 numa atitude de vitória
 — mármore esplêndido e sem jaça —
 formando a sua própria estátua
 para exemplo do nosso povo
 e grandeza da nossa raça.

